

## **Política e estética: confluências nas digressões odoricianas**

**Resumo:** As digressões, os fragmentos esparsos nas extensas notas das traduções de Odorico Mendes (1799-1864) acentuam discursos que envolvem moral pública e privada, evidenciando sua atuação política e literária num momento híbrido do século XIX. O posicionamento de Odorico Mendes parece refletir, sobretudo, o que Rancière vê como um sujeito multifacetado que vive um século marcado pela obsessão dos escritores em denunciar a literalidade que extravasa a criação literária e desloca suas produções. Tal postura nas relações anexas às suas produções, sem dúvida, reverbera um debate entre política e estética, que será examinado no presente artigo.

**Palavras-chave:** Política e estética, digressões odoricianas, partilha do sensível.

**Abstract:** The digressions, the scattered fragments in the extensive notes on the translations of Odorico Mendes (1799-1864) bring to the fore moral discourses involving both the public and the private spheres, thus revealing his literary and political activity in a hybrid moment of the nineteenth century. Mendes's perspective seems to reflect, above all, what Rancière discusses on the multifaceted subject that lives within a century marked by the obsession of the writers in denouncing the literality that overflows his literary creations and misplaces his productions. Such posture in collateral production relations surely resonate a debate between politics and aesthetics which will be examined in this paper.

**Keywords:** Politics and aesthetics, the digressions of Odorico Mendes, sharing of the sensible.

Tudo é rastro, vestígio ou fóssil. Toda forma sensível, desde a pedra ou a concha é falante. Cada uma traz consigo, inscritas em estrias e volutas, as marcas de sua história e os signos de sua destinação.  
(RANCIÈRE, 2009a, p. 35)

No entorno das ressonâncias entre estética e política que emergem dos fluxos literários cabe algumas reflexões através do oitocentista Odorico Mendes (1799-1864). E por que tal retomada? Para andarmos na contramão das críticas de Antonio Candido que, coincidindo com Silvio Romero, não vê mérito algum nas traduções do maranhense, por conta do estilo arcaizante e dos neologismos, reflexo daquilo que o autor considera um “pedantismo arqueológico” e uma “elevação ilusória da palavra complicada” (CANDIDO, 2008, p. 271). Contrariamente, contrabalancearemos a reflexão de autores como Haroldo de Campos que reconhecem a criatividade dos trabalhos de Odorico Mendes <sup>1</sup>. Mas, buscaremos, sobretudo, entender como Odorico Mendes se valeu da tradução como espaço de discurso político interdependente da estética, procurando ver quais são as “marcas de sua história e os signos de sua destinação”, como assinala Rancière.

Antes de adentrarmos nessas relações, cabe recuperar o(s) sujeito (s) Odorico Mendes, não para estabelecer uma unidade e sim para entender como seus discursos estão imbricados em seu percurso político-literário.

Nesses sujeitos, absorvidos pelo Século das Luzes, encontramos um estilo neoclássico, por ter seus interesses espelhados na cultura grega e romana, no que concerne aos parâmetros julgados eruditos e a valores como o civismo e o patriotismo. Encontramos o jornalista aguerrido, o liberal humanista, o tradutor, o político que viveu numa fase fervilhante da vida nacional, desenvolvendo boa parte de seu trabalho durante o reinado de D. Pedro II com ideal moderado de uma monarquia constitucional.

Neste cenário, Odorico Mendes dedicou-se à redação de artigos polêmicos, à composição de poemas e às traduções dos clássicos modernos *Mérope* (1831) e *Tancredo* (1849), de Voltaire, realizadas no Brasil em meio a um cenário de turbulências políticas. Ademais, traduziu os clássicos antigos *Eneida* (1854), *Bucólicas* (1858) e *Geórgicas* (1858) de Virgílio e *Ilíada* (1864) e *Odisseia* (1929) de Homero, que foram concluídos durante sua permanência na Europa, após seu afastamento da função de legislador.

Para defender seus interesses e seus projetos de tradução, Odorico Mendes enfrentou muitas adversidades que foram reveladas no epistolário que corresponde ao período em que esteve no exterior, de 1846 a 1864. Tais cartas foram endereçadas, em sua maioria, ao amigo Paulo Barbosa, mordomo do imperador<sup>2</sup>, com quem comentava suas inquietudes sobre política pública e editorial; e as frequentes queixas sobre as finanças e a saúde esvaecidas.

No que concerne às traduções odoricianas, há, de fato, disparidades críticas. As versões homéricas de Haroldo de Campos e Carlos Al-

berto Nunes, por exemplo, são mais fluidas em certas passagens, em virtude do distanciamento temporal e de estilos diferenciados. Mas discordar de posições excludentes em relação à leitura das traduções e dos metatextos de Odorico Mendes equivale a captar a sua maneira peculiar e complexa de lidar com a atividade tradutória, evocando os sujeitos e os discursos neles presentes. As digressões, os fragmentos esparsos nas extensas notas das traduções acentuam discursos que envolvem moral pública e privada, evidenciando sua atuação política e literária num momento híbrido do século XIX, de ruptura política e estética. Nesse sentido, as discussões de Rancière (2009b) em *A partilha do sensível* nos levam a pensar que o posicionamento de Odorico Mendes reflete, sobretudo, um sujeito multifacetado que vive um século marcado pela obsessão dos escritores em denunciar a literalidade que extravasa a criação literária e desloca suas produções. De fato, Odorico Mendes transgredir sua tarefa como tradutor recriando um novo texto e usando as notas de forma inusual. Para ele, a nota vai além do comentário meramente explicativo; ela opera como texto dialogicamente construído onde se entrecruzam vários debates.

Cabe aqui evocar o conceito de *partilha do sensível* de Rancière como um “sistema de evidências sensíveis” das representações estéticas e suas implicações políticas. De acordo com o autor, uma partilha do sensível é um conjunto comum partilhado, divididos em partes exclusivas. Neste sensível a estética age como um “modo de pensamento que se desenvolve sobre as coisas da arte e que procura dizer em que elas consistem enquanto coisas do pensamento” (idem, p. 11). Sendo coisas do pensamento, imbricam-se, por sua vez, nos discursos. Rancière considera que no âmbito do discurso, por exemplo, os enunciados políticos ou literários definem modelos de palavras ou de ação, bem como a intensidade sensível, quando estes são compartilhados pela comunidade. Assim, notamos que Odorico Mendes reitera sua comunidade e demonstra, numa perspectiva foucaultiana, como as camadas do saber, da subjetivação e do poder reverberam na ordem do discurso.<sup>3</sup>

No excerto abaixo, retirado do Livro V da tradução das *Geórgicas* de Virgílio, percebemos como Odorico Mendes se insere nessas reflexões ao deslocar seu comentário para ocupar o terreno da política, partilhando outros espaços discursivos.

Perdão, se ainda continuo e me extravio. Tenho ouvido já, quase sempre a descendentes de outros europeus, que nós seríamos felicíssimos, se tivéssemos sido colonos de outra nação. Antes de tudo este nós é um disparate: se o Brasil fosse diversamente colonizado, não seríamos nós os seus habitantes;

e devemos aos compatriotas sobejo amor para querermos que eles sejam outros, e não eles mesmos. Portugal produziu um império de nove milhões de habitantes; digam-me qual é o que proporcionalmente fez tanto? Apesar das injustiças que dos maus governos sofriamos, apesar de mesquinhos ciúmes da metrópole, nossos pais nos transmitiram: 1º a religião mais civilizadora; 2º franqueza e hospitalidade à nossa custa, não de palavras e cortesias; 3º uma legislação civil melhor que a de nações muito mais presunçosas; 4º uma língua sonora a mais opulenta, senão para as cousas da indústria moderníssima, para a história, para a navegação, para a poesia, com todos os matizes, variedade e graça. Qual é a colônia francesa emancipada? Qual é a holandesa? Tiradas as de Espanha, mais as de Inglaterra, que produziu a soberba e livre república norte-americana, as restantes estão ainda debaixo da tutela. Nós já vamos forçando o orgulho a nos ter em consideração, e mais seremos se desprezarmos os medos de conquista no nosso território, e opusermos energias a vãs ameaças. (MENDES, 1995, p. 550).<sup>4</sup>

Nos comentários acima temos um exemplo de como Odorico Mendes desvia a destinação “natural” das notas pelo uso político da palavra, utilizando o fragmento como texto, um canal de exposição para partilhar discussões sobre identidade cultural e as relações com a colonização, religião, legislação e a língua. Através de sua expressão acata posições e realidades cristalizadas e diante das quais parece propagar o caráter do monólito enraizado, tal qual a força do colonialismo, principalmente em relação ao catolicismo quando reitera “a religião mais civilizadora”. Odorico Mendes também penetra nas questões da língua, enquanto expressão co-substancial do ser humano. Tais incursões refletem o olhar crítico e reflexivo sobre questões interculturais e (inter) nacionais. O autor recria novos espaços diegéticos, tendo como plano de fundo os clássicos, pois, sendo modelos da cultura greco-romana, constituem cena de atividade pública e lugar de exibição desses discursos, cujas temáticas envolvem civismo, patriotismo e ideais de independência. Nesta via, Odorico Mendes compartilha sua experiência sensível para propor um novo estado de coisas, já que a literatura e a poesia, como estética, carregam os germens de uma política a ser partilhada. As notas de tradução se configuram, portanto, como uma maneira ininterrupta de apreender e questionar a realidade. As inquietações odoricianas reagem ao sistema político-social vivenciado.

Tais constatações também são perceptíveis ao observarmos outra digressão exposta na nota ao Livro VII da versão da *Eneida*. Nessa nota, Odorico Mendes tece seus comentários ao evocar uma passagem em que Enéas sepulta sua escrava Caieta com ritos celebrativos. Diz o tradutor:

Começa o poeta pela morte e exequias da ama de Enéas, cujo nome ficou á cidade e promontorio de Caieta, hoje Gaeta; e assim nos recommenda o amor e o respeito que nos cumpre consagrar ás mulheres que nutrem a nossa infancia com o sangue de seus peitos, ainda que não sejam as que nos geraram. O sensível coração de Virgílio se regozijava de as fazer lembradas, como se vê no livro IV com as de Sicheu e de Dido; como tambem no V com Pyrgo, ama que fôra de muitos filhos de Priamo. Nisto deviam reflectir aquelles senhores que, depois de darem a seus filhos por amas as suas proprias escravas, as deixam ainda no captiveiro; e alguns, ingratos e inhumanos, continuam a usar com ellas de todo o rigor! Um homem de bem e dos melhores jurisconsultos que temos, Dr. Caetano Alberto Soares entre muitas medidas que propoz ás Camaras Legislativas para se ir acabando a escravidão, foi a da alforria das amas de baixo de certas regras; mas os seus bons desejos quebraram-se no escolho de inveteradas preocupações. O' meu paiz! quando serão livres todos os que respirarem no teu seio! (VIRGÍLIO, *Eneida Brasileira*, 1854).

Tais apontamentos demonstram que Odorico Mendes, por intermédio da benevolência da personagem Enéas, estabelece um contraponto entre o real e o ideal, associando-o ao cenário arbitrário da escravidão que assolava o país naquela época, ao qual desde sua juventude já fazia alusão através de versos que retratam os rituais punitivos no Brasil durante o século XIX.

As digressões odoricianas se constituem enquanto arquétipo de experiência sensível que condicionam o *status quo* e o *modus operandi* do autor. A partir desses fragmentos construímos significações que evocam a complexidade de seus pensamentos sobre questões que incitam o seu momento presente. Em função de sua atividade intelectual, Odorico Mendes busca fazer um recorte dos tempos e dos espaços históricos e culturais, “ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto” (RANCIÈRE, 2009b, p. 17) para transgredir sua prática, restabelecer e compartilhar debates, dando visibilidade e potencializando seu ato político.

Vejamos na nota ao Livro XV da tradução da *Odisseia* que Odorico Mendes adota a mesma postura, buscando pôr em evidência todas as relações que se metamorfoseiam.

Os tradutores, em geral de países onde felizmente não há escravos, conceberam mal esta passagem: Homero não diz que eles comessem à mesa da senhora, sim em presença da senhora; se comiam na mesma sala, era em mesa separada. No Maranhão, quando se jantava sem hóspedes, os criulinhos (os meninos escravos nascidos em casa) estavam de roda; e os senhores, so-

bretudo os outros meninos, repartiam com eles do melhor, para que exclusivamente não comessem do sustento mais grosseiro dos escravos maiores. Eu em pequeno tinha um chamado Genésio a quem, por anterior promessa, deixava no prato uma porção de doce ou de outra iguaria escolhida para o que me serviam abundantemente. Em todas as famílias o mesmo acontecia, e consta-me que ainda acontece: isto prova que, apesar das preocupações, a natureza reluta e pugna pela fraternidade dos homens todos; e no coração dos meninos, mais singelo e menos orgulhoso, é que se levanta e brada com mais força. A ilustríssima e patriótica autora do *Rancho do tio Tomé*, acima do mesmo Bernardin de Saint-Pierre, descreve algumas das cenas entre senhores e escravos com verdade e exatidão; e vários Europeus a têm por exagerada por ignorarem os costumes e usos de que trata no seu livro admirável. A escravidão no tempo de Homero, menos dura que em Roma, se assemelhava mais à do nosso Brasil; contudo, na mesma de Roma havia cousas inteiramente conformes às nossas, como bem reflete o major Taunay, douto e porventura o mais recomendável tradutor das obras de Terêncio em francês, o qual tem vivido no Brasil muitíssimos anos; vivenda que, a meu ver, o habilitou para melhor entrar nos segredos e primores do elegante e sábio liberto Africano. (HOMERO, *Odisséia*, 2009, p. 172).

Na exposição acima percebemos que o metatexto de Odorico Mendes emula a obra de Homero ao colocá-la como base de seu discurso. A referência garante que as personagens paralelas alcem suas vozes a patamares mais elevados. Odorico Mendes, enquanto homem social, interage e interdepende do outro. As notas ultrapassam seu caráter metalinguístico explicativo. A ficção dialoga com as memórias e os fatos explicados também se fundem com lembranças. Para além de seu metatexto, emergem novas personagens que imediatamente passam a ocupar funções que unem os universos referenciais e os novos cenários criados pelo comentador. O alegórico criado por Odorico Mendes como metáfora pedagógica para tratar de cenários representados é definido como um espaço liminar para se trabalhar as conexões políticas, históricas e literárias. Odorico Mendes fala de identidades e alteridade.

Ao enfatizar peculiaridades que emergem das digressões odoricianas, destacamos outras constatações. No que diz respeito à tradução de Homero, por exemplo, o tradutor discute a posição dos deuses na composição narrativa. Põe à prova os sentimentos das personagens e, por vezes, critica a postura de Aquiles e de Heitor. Nas notas frequentemente observamos que o tradutor transfere o leitor do universo épico diretamente para a realidade de seu tempo. Traz à tona discussões

morais e as relaciona com o conteúdo do poema. Para o maranhense traduzir implica refletir posturas sociais que caracterizam visões de sua época. Em nota ao canto IX da *Ilíada*, Odorico Mendes registra que:

[...] põe Homero na boca do herói o desejo de casar como uma que se acomode (*apta*), que se deleite (*delectari*) nas possessões de Peleu, e não com senhora de corte pomposa, como então era Argos e Micenas, a qual não se habituasse a uma vida simples e caseira. Na verdade, quem mora no campo, e mesmo em pequena povoação, faz mal em casar em grande cidade, e pior em corte: a boa consorte nunca está satisfeita em casa; suspira pelos teatros, *bailes mascarados*, passeios de carruagens de luxo, pelas bonitas lojas, pelo tumulto das ruas, e não cessa de inspirar ao marido a ideia de ir gastar em seis meses o poupado em dez anos. - Tenho, cá na Europa, notado que os nossos brasileiros ou portugueses, casados com francesas ou inglesas, e mesmo com alemãs ou italianas, não podem mais viver no Brasil ou em Portugal, em razão das instâncias de suas mulheres, que desfazem de tudo que há nas terras dos maridos, e choram pela sua Londres, Viena, Milão, Florença, e principalmente por Paris; e, o que é mais de lamentar, inspiram aos filhos a repugnância ao ninho paterno. Uma tal é que não desejava encontrar Aquiles. (HOMERO. *Ilíada*, 2008, p. 887).

É possível assegurar que as digressões contribuem para traçar “trajetórias entre o visível e o dizível, relações entre modos do ser, modos do fazer e modos do dizer” (RANCIÈRE, 2009b, p. 59), reflexos de um momento em que a arte literária intensifica os interesses políticos e morais. Assim, ao transgredir o lugar de surgimento da voz própria do tradutor, Odorico Mendes trama o conflito de autoridade. A nota, como hiato, jogo diferencial, como escrita para si e para o outro<sup>5</sup>, mostra que o tradutor não se apaga jamais atrás do autor, mas imprime ao contrário, o texto de suas subjetividades e de suas pressuposições do contexto sociocultural no qual evoluíram. Nessa via, percebemos como Odorico Mendes borra as fronteiras entre vida e obra, a vida dele e de outros, ou seja, retrata e discute a sua realidade enquanto traduz obras de terceiros, produz uma escrita que é sua, onde política e estética se conectam na base dos discursos, nas formas de sua vida e de seu pensamento como evidências sensíveis.

## Notas

1. Cf. Campos (1970); Medina (1980); Vasconcellos (2009), autores que dedicam atenção especial ao trabalho de Odorico Mendes à luz de teorias que consideram o aspecto criativo do tradutor.

2. O epistolário de Odorico Mendes foi organizado por Lacombe (1981), sendo composto por 31 cartas.
3. Cf. Foucault (2008).
4. Fragmento retirado da coletânea *Virgílio brasileiro ou tradução do poeta latino*.
5. Sobre a escrita como exercício do pensamento sobre si mesmo, conferir Foucault (2004).

## Referências

- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem: Ensaios de teoria e crítica literária*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 12.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.
- FOUCAULT, Michel. A Escrita de si. Ditos e escritos. Vol. *Ética, sexualidade e política*. V. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução Manuel Odorico Mendes, prefácio e notas verso a verso de Sálvio Nienkötter. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Editora Unicamp, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Odisséia*. Tradução Manuel Odorico Mendes. Prefácio de Prof. Silveira Bueno. Fonte digital Digitalização da 3ª edição. São Paulo: Atena Editora, 2009. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/odisseiap.pdf>>. Acesso em: 20 mar 2012.
- LACOMBE, Américo Jacobina. *Cartas de Manuel Odorico Mendes*. Coleção Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1989.
- MEDINA, Antonio Rodrigues. *Odorico Mendes: tradução da épica de Virgílio e Homero*. Tese de doutoramento. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de Literatura Brasileira. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1980.
- MENDES, Manuel Odorico. *Virgílio brasileiro ou tradução do poeta latino*. 2. ed. atualizada, com introdução e notas de Sebastião Moreira Duarte. São Luís: EDUFMA, 1995.
- RANCIÈRE, Jacques. *O inconsciente estético*. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009a.
- \_\_\_\_\_. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009b.
- VASCONCELLOS, Paulo Sérgio. *Resenha: Homero. Iliada*. Tradução de Odorico Mendes, prefácio e notas verso a verso de Sálvio Nienkötter. Nuntius Antiquus, v. 3, 2009. Disponível em: <[http://www.lettras.ufmg.br/nuntius/data/aqui\\_vos/003.15-Paulo180-187.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/nuntius/data/aqui_vos/003.15-Paulo180-187.pdf)>. Acesso em: 25 out 2011.
- VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução Manuel Odorico Mendes. Edição anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia: Editora da Unicamp, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Eneida Brasileira ou tradução poética da epopéia*. Tradução Manuel Odorico Mendes. Paris: Typographia de Rignoux, 1854. Texto digitalizado por Leandro Abel Vendemiatti e revisado por Paulo Sérgio de Vasconcellos. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes/>>. Acesso em: 20 mar 2012. Não paginado.